

As Lisboas de Armando Silva Carvalho

Regredindo no tempo pela leitura desta visão das várias Lisboas que Armando Silva Carvalho agora ressuscita ou redescobre exactamente no seu último livro de poemas que tem o título simbólico de **Lisboas** (e percorre em forma de roteiro sentimental outros lugares um pouco na linhagem literária de Mário Cesariny, Alexandre O'Neill, José Gomes Ferreira ou Cardoso Pires), podemos ainda lembrar que, a seu modo, num estilo bem próprio e pessoalíssimo, Fernão Lopes foi um cronista implacável do seu tempo, mesmo que as andanças pelos paços reais focassem de preferência o quotidiano de uma época que caminhava lenta, sem as arrelias e perturbações do nosso tempo incómodo e movimentado. Mas ser cronista deste tempo e mundo, estar atento ao que se passa intramuros numa cidade como Lisboa, capital do país todo, exige grande atenção - uma atenção lúcida, irónica ou intervencionista. E, mesmo com alguma simpatia, Lisboa não se pode encarar de olhos vesgos, sem ironia, com um sorriso nos lábios, porque há de tudo na grande-pequena cidade europeia nesta viragem do século: acontece um pouco de tudo nesta urbe com mais de um milhão de habitantes, de que já se não conhecem os limites e não é possível percorrê-la numa noite como el-rei fazia ledo ao som das trompas de prata, porque Lisboa cresceu e estendeu os seus limites, tem muita gente que não é da cidade, mas isso também não importa, saboreiam os pastéis de Belém ou bebe-se nos bares de Alcântara, descansa-se o olhar no miradouro de Santa Catarina ou estendem-se as pernas pelos jardins da Gulbenkian ou da praça das Flores:

*Passa a razão de estado, a razão da ordem,
a razão da cultura
e quando as razões passaram à paisana
o povo de Lisboa agradeceu
a passagem de Deus, segundo Cesariny.*

Ora, é dessa cidade-capital que nos falam estes poemas do Poeta de *Lírica Consumível*, não porque a sua visão poética deseje ser um "retrato" pessoal das diferentes Lisboas que os seus olhos fixaram em muitos anos de permanência, mas talvez porque não tendo crescido na cidade dela pôde determinar os seus contornos mais evidentes ou que ainda perduram a quem não anda distraído e procura reabilitar o quotidiano e redescobre a capital e esses lugares de fascínio de Lisboa ser uma cidade grande e vários milhares às horas de ponta, gente que trabalha, come, dorme, passeia, diverte-se, vai muito ao futebol e menos ao cinema e ao teatro, lê os jornais, sobretudo os desportivos, claro, vai também à Feira Popular, a Alfama, ao Bairro Alto, à Feira da Ladra, ao Colombo, ao Parque das Nações, enfim, gente que passa o tempo enquanto o tempo deixa, em constante agitação e no meio de um barulho ensurdecedor, com problemas de trânsito e muitas dores de cabeça, por mais viadutos, túneis, crel's e cril's que se construam, é verdade, com as arrelias inerentes à estabilidade do orçamento familiar, custe o que custar:

*Gaivotas, cansadas de metáforas,
pousam nos ombros da memória
e todo o amor me cai da toalha da espera
para o mais fundo dos fundos
do meu alheamento.*

Em Lisboa, no último quartel do século vinte, já depois de Abril ter chegado e pôr Lisboa em desordem por muito pouco tempo, na memória de uma classe política que despontou e até hoje quase se não renovou, neste século que não é de outras luzes, mas com certeza de outras trevas, vive-se como se pode e nos deixam, claro, já que este pedaço de sol e de céu azul é pago (ainda) a peso de ouro, fica caro, mas ninguém faz contas...Portanto, ser cronista de Lisboa, mesmo em poemas de algum desalinamento e de um sentido poético carregado de referências ou de ironias, com o faz Armando Silva Carvalho neste seu último livro:

*A cidade por dentro é um novelo de medos
e alguma temura de papel pintado.
Não á como sermos grandes na cozinha
dizem as facas limpas já na sobremesa*

é talvez correr o risco ou o perigo de ser moiro nos domínios de el-rei ou judeu que "depois do sol-posto fosse achado pela cidade" era "com pregão publicamente açoitado por isso"... Mas Lisboa tem muito de provinciana, a par de um certo cosmopolitismo disfarçado ou encoberto, e todavia não é cosmopolita quem quer, nem é civilizado quem mais o deseja, e assim o homem de Tormes continua vivo em qualquer cidadão pacato-burguês desta Lisboa que se quer moderna, ao volante de um Toyota pago a prestações e não emprestado como era o Chevrolet de Álvaro de Campos pela estrada de Sintra ao luar e ao sonho, em lento passeio pelo Estoril, Cascais, Guincho, Malveira da Serra, Praia Grande, Colares ou

Sintra de todos os devaneios, ainda e sempre na memória ou registo irónico:

*Não fui nunca caravela de escravos,
nem terreiro de negros
ou recadeira de aias que por sua vez arrecadavam
ouros e rendas da Flandres ou cristais boémios
à prata que faltava às princesas reais exportadas
por essa Europa fora.*

Mas ser contemporâneo desta boa gente no final do século vinte, já depois de todas as tormentas dobradas e passadas, é na realidade ser talvez parente pobre de um futuro de que mal se vislumbram as raízes da própria árvore da vida. Não sei. Porém, sabem disso os poetas que ao longo dos tempos sempre souberam falar da cidade espaiada à beira do Tejo. Não por desejarem servir-se dos lugares e gentes da cidade, mas porque se não pode ser indiferente ao espírito do lugar ou da cidade em que se nasce, vive e morre. E, pelos poemas destas **Lisboas** com os seus lugares e casas de várias cores, Armando Silva Carvalho faz ressoar ecos de antigos cantares ou falas de gente que é solidária com o que se passa em seu redor, ontem e hoje, mesmo na lembrança de por aqui ter andado el-rei dom Afonso o primeiro na caça dos moiros, ou dos fenícios, e a cerca moura em redor do Castelo, Jorge e santo de seu nome, menos rodeada estava de casas, porque antes dos cristãos e dos almorávidas terem chegado a esta enseada amena, ou lissabona romana de outras vias cruzadas de tantos sonhos e projectos, já a antiga Olissipo, dizem, estava ou morava no sítio em que hoje toda a gente a conhece. E assim talvez a História se tivesse escrito nas linhas direitas com que todo o caminho ficara marcado de atropelos, assaltos, guerras, lutas intestinas, dissidências, casamentos de conveniência, usurpação de terras e conquistas por outras paragens, mesmo na senda das descobertas marítimas que deram novos mundos ao mundo.

Por isso, pelas diferentes formas de louvação ou de determinação do que é mais típico nas várias Lisboas, a voz de Armando Silva Carvalho uma e outra vez se levanta para dar da cidade e de quem nela mora e vive a imagem mais aproximada e fiel de assim a saber cantar ou ser ainda um pretexto literário para uma vez mais Lisboa ser motivo de atenção na linha dos seus melhores poetas que da cidade sempre têm ou tiveram saudades. E fechar deste modo o seu roteiro sentimental:

*Chegou o intervalo e a história não acaba.
Acabou o poema e a vida ainda não chega.*

Serafim Ferreira
Crítico literário

ARMANDO SILVA CARVALHO
LISBOAS / Poemas
Ed. Quetzal / Lisboa, 2000.